ENTRELUGAR

# PESQUISA EMPÍRICA: NARRATIVA DE UMA EXPERIÊNCIA EM MOÇAMBIQUE

# EMPIRICAL RESEARCH: NARRATIVE OF AN EXPERIENCE IN MOZAMBIQUE

# INVESTIGACIÓN EMPÍRICA: NARRATIVA DE UNA EXPERIENCIA EN MOZAMBIQUE

Guilherme Magon Whitacker

Pós- Doutorando, UNESP, Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe. Bolsista FAPESP.

E-mail: gwhitacker@gmail.com

## RESUMO

O presente ensaio narra a dificuldade e a importância da pesquisa empírica na Geografia em países de instabilidade econômica, política e social, o que leva a tensões e conflitos. A partir da experiência em Moçambique, onde percorri os territórios do neoextrativismo da multinacional Vale S.A., cruzando o Malawi, relato a problemática da realização da pesquisa empírica para a produção de informações, o compromisso do pesquisador com seu objeto de estudo e a importância da função social do geógrafo. Seu objetivo é convidar o leitor para uma reflexão sobre os impactos territoriais de multinacionais neoextrativistas e as dificuldades e importância da pesquisa empírica na Geografia em territórios, às vezes, não tão receptivos a olhares externos.

**Palavras-chave:** Moçambique. Pesquisa Empírica. Neoextrativismo.

## ABSTRACT

The present essay narrates the difficulty and the importance of empirical research in Geography in countries of economic, political and social instability, which leads to tensions and conflicts. Based on the experience in Mozambique, where I toured the territories of the neoextraction of the multinational Vale SA, crossing Malawi, I report the problem of carrying out empirical research for the production of information, the researcher's commitment to his object of study and the importance of the social function of the geographer. Their objective is to invite the reader to reflect on the territorial impacts of neoextractive multinationals and the difficulties and importance of empirical research in Geography in territories, sometimes, not so receptive to external perspectives.

**Keywords:** Mozambique. Empirical Research. Neoextractivism.

**RESUMEN**

El presente ensayo narra la dificultad y la importancia de la investigación empirica en Geografía en países de inestabilidad económica, política y social, lo que genera tensiones y conflictos. Desde la experiencia en Mozambique, donde recorrí los territorios de la neoextracción de la multinacional Vale SA, cruzando Malawi, informo sobre el problema de llevar a cabo una investigación empírica para la producción de información, el compromiso del investigador con su objeto de estudio y la importancia de la función. del geógrafo. Su objetivo es invitar al lector a reflexionar sobre los impactos territoriales de las multinacionales neo-extractivas y las dificultades e importancia de la investigación empirica en Geografía en territorios, a veces no tan receptivos a las perspectivas externas.

**Palabras- Clave:** Mozambique. Investigación empírica. Neoextractivismo

## INTRODUÇÃO

A pesquisa empírica é um tema importante na Geografia e estudado por inúmeros autores, sobre tudo, em relação a metodologias, mas não é esse o objetivo. Sendo assim, cabe alertar, de início, que, no que tange ao tema aqui apresentado, seria por demais relacionar a importância de trabalhos como "*Quadros da Natureza*", de Alexandre Von Humboldt, ou, "*O Brasil"*, de Elisée Reclus, desse modo, me restrinjo e considero imprescindíveis de análise textos clássicos reunidos em dois números especiais da revista Heródote "*l`enquête et le terrain*", de 1977 e 1978 que reúne textos de Yves Lacoste, Jean Tricart, Bernard Kaiser, Claude Raffestin, Beatrice Gibbin, Milton Santos e outros; também, mas contemporâneo, o número 84 do Boletim Paulista de Geografia publicado pela seção local de São Paulo da Associação dos Geógrafos do Brasil em 2006, com trabalhos de Ângelo Serpa, Paulo Roberto Alentejano, Valéria de Marcos, e outros. Além desses, estudos de folego como os de Josué de Castro (1954), Leo Waibel, (1958) Yves Lacoste (1973[1]), Pierre Monbeig (1984, 1985), Orlando Valverde (ver, ADAS, 2006), Azis Ab´Saber (2007), Manuel Correia de Andrade

[1] Para acesso a tradução desse artigo ver: WHITACKER, Guilherme Magon. Uma ilustração geográfica sobre a guerra: bombardeando os diques no rio Vermelho, Vietnã do Norte. Disponível em: https://journals.openedition.org/confins/26001.

(1973, 1995), Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1985) e Dirce Maria Antunes Suertegaray (2002) merecem atenção, pois trazem, de diversos ângulos, o sentido da pesquisa de campo para o geógrafo.

Escrever sobre as dificuldades da pesquisa de campo para a produção do conhecimento geográfico não é desnecessário. Acredito que aqueles que se dedicam a Geografia concordem com o fato de que a pesquisa empírica seja indispensável tanto para a prática didática quanto a pesquisa em si para a produção de informações, pois, é o momento em que a teoria se materializa, daí a importância de planejá-lo o máximo possível – ainda que imprevistos aconteçam –, de modo que a mesma não se transforme em passeio recreativo ou pesadelo, e seja, sim, um momento a mais no processo de produção de conhecimento.

Foi assim que passei a considerar a pesquisa de campo como realidade não externa ao pesquisador. Considerando que o campo é a extensão do pesquisador, ou seja, a pesquisa é fruto da interação dialética entre aquele que pesquisa, o objeto de estudo, os fatos, e processos que o envolvem em um movimento dinâmico. Resulta daí a *práxis* e a compreensão de que podemos estar no mundo para pensá-lo e transformá-lo. Pesquisar, em Geografia, pressupõe conhecer para intervir, é o conhecimento produzido por meio da vivência em transformação. Na pesquisa empírica, a Geografia, em particular, exerce uma ação de grafar o território, é preciso conhecê-lo, para nele atuar.

Constitui para o geógrafo, portanto, um dos momentos de percepção da realidade do outro, interpretada por sua lente e intelectualmente refletida. A interpretação resulta do engajamento do pesquisador no próprio objeto de pesquisa. Sua construção geográfica resulta de suas práticas sociais. Neste caso, o conhecimento não é produzido para subsidiar outros processos. Ele alimenta o processo, na medida em que desvenda as aparências e revela sua essência, criando, assim, nova consciência do mundo. Trata-se de um movimento epistemológico da geografia crítica.

É, portanto, a partir desse pensamento que apresento minha narrativa sobre a pesquisa de campo realizada em Moçambique visando compreender a produção do território neoextravista pela multinacional Vale S.A. Percorrendo todo a rede logística produzida, me desloquei de Moatize – província de Tete, em Moçambique –, onde se localiza a mina de

extração de carvão mineral, até o porto de exportação, em Nacala-a-velha, cruzando o país vizinho, Malawi.

A narrativa difere de textos clássicos de publicação acadêmica. Não apresento citações ou reflexões teóricas fundamentadas por outros autores, as únicas referências são depoimentos que transcrevo, ora de viajantes que me acompanhavam, ora de moradores das comunidades por onde passei. Trata-se da minha experiência como pesquisador, e ser humano, ao me deparar com as dificuldades de cruzar dois países economicamente subdesenvolvidos da África Austral. Por esse motivo, escrevo aqui em primeira pessoa. Desse modo, a narrativa tem início com o relato do trajeto de Maputo até Moatize, posteriormente, a travessia por Malawi e, por fim, a chegada em Mandimba e o deslocamento até o porto em Nacala-a-velha. Ao mesmo tempo, apresento um convite para se inserirem na leitura sobre os processos territoriais promovidos pela Vale S.A., e outras multinacionais, nesse maravilhoso país, de cultura exuberante, paisagens encantadoras, e povo guerreiro.

## DE MAPUTO A TETE: O INÍCIO DA PESQUISA EMPÍRICA

Saí de Maputo por volta das 05:00 da manhã do dia 08 de agosto de 2018. Cheguei na província de Tete no dia 09 de agosto de 2018 após percorrer cerca de 1600 Km de machimbombo[2]. As estradas moçambicanas representam uma dificuldade de transporte, seja de carga ou passageiros, saindo de Maputo, em direção ao Centro e Norte do país pelo interior, as estradas vão, gradativamente, perdendo condições de tráfego. Não existem postos de abastecimentos por onde passei, as empresas colocam em risco seus carros, funcionários e passageiros. Transportam galões de combustíveis e as condições dos ônibus são precárias, não existe banheiro, características essas que não devem ser estranhadas, pois, de acordo com

[2] Palavra vinda «do ing[lês] machine pump, "bomba mecânica"». Machimbombo é «ascensor mecânico; qualquer veículo pesado e ronceiro» e, em Angola e Moçambique, «autocarro de transporte público».

in Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-da-palavra-machimbombo/24503 . Acesso em: 18 de jun de 2021.

a Organização das Nações Unidas (ONU) e seu Conselho Econômico e Social (ECOSOC), Moçambique é um dos dez países menos desenvolvidos do mundo.

Apesar desses contrastes, durante a viagem pude perceber um pouco da paisagem moçambicana, dos vilarejos e das formas de sobrevivência econômica. Em Cumbana, na Província de Inhambane, aonde a agricultura é mais desenvolvida, pude observar plantações de milho, coco, bananas e legumes (Foto 1).

**Foto 1: Na província de Inhambane**



**Fonte:** Moçambique, 2018.
**Foto:** Guilherme Magon Whitacker

Ainda na Província de Inhambane, cruzei o rio Save. O rio nasce no Zimbabwe onde é conhecido como Sabi, em direção ao Sul, atravessa Moçambique de Oeste para Leste, desaguando no Oceano índico (Foto 2).

**Foto 2: Ponte sobre o rio Save**



**Fonte:** Moçambique, 2018.
**Foto:** Guilherme Magon Whitacker.

O rio Save divide Moçambique em regiões políticas, administrativas e étnicas. Do ponto de vista político, é uma das regiões com maior apoio a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO); em relação ao administrativo, é limite entre as fronteiras das Províncias de Gaza, a Sul, e as de Manica e Sofala, a norte; em relação as divisões étnicas, o Sul é a região aonde é falado os idiomas Chope e Tswa-Rona, enquanto que ao Norte, os dialetos utilizados são o Chona e o Sena.

Por volta das 22:00 horas o motorista parou em Chimoio, capital da Província de Manica para dormirmos, encontrei uma hospedagem e dormi algumas horas, outros dormiram dentro do machimbombo, retornamos a estrada as 04:00 da manhã do dia 09 de agosto. Seguindo pela Província de Manica, próximos a Changara, pude perceber uma quantidade de crianças e adolescentes as margens da rodovia vendendo alguns produtos, principalmente carvão vegetal e frutos do Embondeiro (Foto 3). A presença de crianças é constante:

> Aqui as crianças dificilmente vão a escola. Elas ficam aqui o dia todo tentando vender suas coisas, os país ficam trabalhando nas machamba, cortando lenha... as vezes elas ficam aqui sozinhas, dormem nas palhoças e pegam água lá embaixo, aonde têm algum rio e dependendo a época, como agora, na seca, é perigoso porque

têm animais que vão no rio também beber água (Depoimento de um viajante, trabalho de campo, agosto de 2018, Província de Sofala).

**Foto 3: passageiros do machimbombo comprando carvão vegetal de crianças**



**Fonte:** Moçambique, 2018.
**Foto:** Guilherme Magon Whitacker.

Na Província de Tete, cruzei o rio Luenha (Foto 4) em direção ao Distrito de Tete.

**Foto 4: rio Luenha, em período de estiagem**



**Fonte:** Moçambique, 2018.
**Foto:** Guilherme Magon Whitacker.

Naquela região ocorreu um dos maiores confrontos entre membros da FRELIMO e RENAMO – em 2016 – desde que terminou a guerra civil moçambicana em 2009, este fato resultou no deslocamento de refugiados para o país vizinho, Malawi e, ainda é uma das mais perigosas de Moçambique. Devido as difíceis condições de tráfego – praticamente não existe estradas asfaltadas no interior do país, por onde passei –, a Savana e a própria formação do relevo, que permite esconderijos dentre as montanhas somada a dificuldade de comunicação, incluindo a falta de sinal de internet, favorece a ação de grupos armados. A informação sobre o conflito trás o clima de insegurança. Por volta das 16:00 o motorista parou o machimbombo a beira da estrada para que as pessoas pudessem fazer suas necessidades, desceu e disse: "*Os homens vão ali e as mulheres daquele lado da estrada*". Depois de alguns minutos, parados no meio da Savana moçambicana, um homem se aproximou de mim e perguntou de onde eu era, após algumas palavras ele me olhou e disse: "*Sabia que estamos em um bom lugar para sequestros*?" Isso me causou uma estranha sensação e voltei para dentro. Pouco depois, conversando com o mecânico que viaja acompanhando o motorista, fui informado que aquele mesmo machimbombo havia sido atacado três meses atrás por um grupo armado que chegou atirando pela frente:

> Eram uns cinco, eles chegaram atirando, o vidro da frente foi estilhaçado, tinha uma mulher ali que levou um tiro na perna, teve sorte ela. Eles vieram e roubaram tudo... se tem um gajo como você dentro... ah, eu não sei, eles iam querer saber quem é... e podiam fazer qualquer coisa. Você não está mais em Maputo, quando chegar em Tete, não fique a andar sozinho (Depoimento voluntário do mecânico, Savana moçambicana, a caminho de Tete, agosto de 2018).

Aí pude perceber que minhas dificuldades aumentariam. A insegurança provocada pela tensão política é acirrada devido a novos grupos armados que atuam no país. Além da presença desses no interior das montanhas de algumas províncias, como se não bastassem as tensões de uma guerra civil ainda não resolvida, durante minha permanência em Moçambique ocorreram, também, ataques na Província de Cabo Delgado – próximo ao distrito de Nacala, meu último ponto de pesquisa – atribuídos a um grupo extremista islâmico, o Al-Shabaab, original do Sul da Somália, uma derivação do grupo Boko Haram, ligado à Al-Qaeda.

Cheguei em Tete as 10:00 da manhã do dia 09 de agosto. Uma viagem de aproximadamente 1600 Km que, se não fossem as péssimas condições da malha rodoviária no país, além da própria condição do transporte, sem banheiro e com problemas mecânicos, poderia ser feita em menos tempo. Me dirigi ao hotel que havia reservado e procurei descansar, ainda pensando nos momentos anteriores. Em Tete, meu objetivo foi realizar entrevistas com representantes das organizações da sociedade civil, funcionários de órgãos públicos e, principalmente, conhecer os reassentamentos e entrevistar reassentados, além disso, me organizei para visitar o bairro Bagamoyo, que faz divisa com a área de exploração de carvão mineral da Vale Moçambique.

Entre os dias 09 e 20 de agosto de 2018 realizei 3 reuniões com membros da Associação de Apoio e Assistência Jurídica as Comunidades (AAAJC); 5 entrevistas entre membros da sociedade civil; 2 visitas ao reassentamento 25 de setembro, com 7 entrevistas; 1 visita ao reassentamento Cateme, com 5 entrevistas; 1 visita ao bairro Bagamoyo, com 3 entrevistas; 3 entrevistas com representantes de órgãos públicos nas seguintes Direções distritais de Tete: Direção Provincial dos Recursos Minerais e Energia; Direção Provincial da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural e Direção Provincial da Agricultura e Segurança Alimentar.

No dia 10 de agosto iniciei os trabalhos. De chopela cruzei o rio Zambeze (Foto 4) pela ponte Samora Machel, um dos mais importantes da África Austral, com margens cultivadas por moradores e habitada por crocodilos, e fui ao encontro dos membros da AAAJC, meu porto seguro em Moatize.

**Foto 4: rio Zambeze, em Tete**



**Fonte:** Moçambique, 2018.
**Foto:** Guilherme Magon Whitacker.

Na primeira reunião que tivemos fui questionado sobre minhas intenções. Mesmo estando com as credenciais necessárias, houve certa desconfiança, pois essa é uma das associações mais atuantes na questão dos reassentados[3] pela Vale Moçambique. Quando informei minhas intenções, da mesma maneira que havia realizado com as associações que tive contato em Maputo, me foi dito o seguinte:

> Senhor Guilherme, como pretende demonstrar a nós que que o Senhor vai nos honrar pela ajuda? Veja cá, o Senhor não é o primeiro que vêm a nós pedir ajuda e sempre ajudamos estrangeiros, mas nosso trabalho não é reconhecido. Você esteve com o pessoal da Justiça Ambiental e ADECRU, não foi? Você tem credenciais assinadas pelo João Mosca, isso é bom, mas eu não sei quem é você e o que você vai fazer com nossas informações. Está vendo aquela rapariga? A família dela é de Nampula, mora em palhoça, e ela está aqui porque sua família foi afetada pela Vale. Antes da Vale passar a levar o carvão em seu comboio eles iam e voltavam de Nacala quase todos os dias para vender seus produtos no mercado, agora, a Vale só deixa o comboio transportar as pessoas uma vez por semana. Lá em Nampula, o Senhor vai ver... as pessoas estão a passar fome...em outros lugares também, minha família é de Chiponde, são camponeses, o Senhor diretor já sofreu muito lutando contra as mineradoras, eu, ela, o Senhor diretor, todos aqui tem motivos pra estar aqui conosco... nosso amigo que vai te acompanhar tem duas casas porque

[3] Os reassentamentos foram construídos pela Vale Moçambique em 2008 como forma de compensação pela desterritorialização das populações tradicionais, para mais informações, ver, Whitacker (2019).

> é sempre ameaçado, já foi expulso de onde morava por homens de AK na mão... sabe o que é isso... sentimos sempre o cheiro da morte aqui... e o Senhor, qual seu motivo? (Depoimento, membro da sociedade civil, Moatize, agosto de 2018).

Fui obrigado a abandonar o perfil de pesquisador e o rigor da apresentação formal e me apresentei como ser humano, sensível a toda e qualquer forma de injustiça, mais acostumado com a rigidez pelos dias anteriores em Maputo, respondi:

> Não posso garantir nada... o que quero fazer é expor a Vale. Recentemente, no Brasil, teve um acidente que inundou uma cidade inteira com lama contaminada em Minas Gerais. Eu não sou de lá, não conheço ninguém de lá, mas faço o que posso para poder enfrentar essa e qualquer outra multinacional. Tenho quarenta e três anos, sou casado, pai de três meninas... você acha que eu estou aqui á turismo? Estou aqui a mais de um mês e não sei o que é comer uma lagosta naqueles restaurantes chiques das praias de Maputo... Quer que eu prove alguma coisa a vocês? Eu não tenho nenhum projeto de desenvolvimento para eles, sei que muitos se apresentam com essa proposta para se aproximar e eu não vou fazer isso, também não tenho como ajudar vocês, o que eu quero é que me ajudem a mostrar o que está acontecendo no Brasil, se puderem agradeço, fui informado que isso aconteceria.... a única coisa que posso falar, em relação a honrar vocês é que serei muito grato e se algum dia precisarem de minha ajuda, podem me procurar. (Depoimento próprio, Trabalho de campo, Moatize, agosto de 2018).

Após mais alguns minutos de conversa, acalmados os ânimos e entendidas minhas pretensões, pude dar início as atividades nos reassentamentos. A partir desse momento ficou claro meu perfil como pessoa e pesquisador e contava com suas colaborações. Apesar de alguns empecilhos me assumiram como uma pessoa que podiam confiar, e de algum modo, pude me sentir como se estivesse em um fogo cruzado, pois seria difícil realizar as entrevistas se o governo local soubesse do objetivo real de minha pesquisa, ou seja, o megaprojeto neoextrativista da Vale Moçambique, isso porque o governo apoia a empresa, então, sempre me apresentava nas repartições públicas e para outras pessoas fora da AAAJC como pesquisador sobre as condições de desenvolvimento rural no Norte de Moçambique, e era isso o que constava em meus documentos, o que justificava minha viagem até a província de Tete, o trânsito pelo país vizinho, Malawi, e o deslocamento até a cidade de Nacala.

**Foto 5: com membros da AAAJC, em Moatize**




**Fonte:** Moçambique, 2018.
**Foto:** membro da AAAJC.

A partir daí me dediquei a entender, *in loco*, a conflitualidade territorial em Moatize. Nesse território a conflitualidade é determinada pelas alterações no *uso dos territórios* camponeses e está marcado por uma espécie de pecado original produzido pela Vale Moçambique, vinculado ao modo como o processo de desterritorialização foi conduzido desde o início. A terra, para os moçambicanos que vivem no interior e no campo, é um local sagrado, ali eles depositam seus antepassados e cultivam a mesma para sua sobrevivência acreditando na força dos antepassados, e, a Vale, rompeu isso tudo. Quando questionei membros da sociedade civil sobre o processo de implementação da Vale Moçambique, fui informado que terminado o processo de licitação já existia desconfiança por parte das comunidades locais sobre sua permanência em seus territórios de origem:

> Eles não acreditavam nas promessas das pessoas da Vale. “Eles estão a vir e nos tirar daqui mas não sabemos pra onde vamos”, era o que ouvíamos deles... não teve nenhuma participação do governo nisso... “eles estão a nos enganar” diziam os mais velhos, as lideranças... mas muitos não queriam saber e entregavam tudo por alguns poucos Meticais, os que quiseram ficar foram tirados a força pela polícia... isso mesmo, a polícia ia sempre junto com a pessoal da Vale e quando eles iam com seus tratores para derrubar as moradias a polícia entrava e tirava lá de dentro quem quer que fosse (Depoimento, membro de associação da sociedade civil, Tete, agosto de 2018).

Assim, me desloquei acompanhado por dois membros da AAAJC ao bairro Bagamoyo (Foto 6) que, com o limite das habitações a poucos metros da mina de carvão, sofre com todos os tipos de impactos. Considerando que a forma de extração de carvão em Moatize é a céu aberto, a suspensão do pó do carvão mineral ocorre de distintas formas, seja apenas com o deslocamento de ar, movimento de maquinário ou explosões por dinamite.

**Foto 6: bairro Bagamoyo, ao fundo, a segunda maior mina de exploração de carvão mineral a céu aberto do mundo, propriedade da Vale S.A.**



**Fonte:** Moçambique, 2018.
**Foto:** membro da AAAJC.

A situação da suspensão do pó de carvão mineral se torna crítica quando da realização de explosões para expansão da área de mineração. A Vale Moçambique comunica os moradores dos bairros próximos quando irão acontecer as explosões, porém, além de problemas nas estruturas das casas, os moradores reclamam principalmente da poeira que chega em todos os cantos *"*[...] *você olha para o céu e não enxerga nada, fica tudo coberto de pó... dentro de casa também, não adianta fechar a janela, se tiver roupa limpa você guarda dentro da mala e depois vai ver, está suja* [...]" (Depoimento, morador do bairro

Bagamoyo, trabalho de campo, Moatize, agosto de 2018). "*A água aqui não se pode beber, está contaminada com carvão, a carne dos animais também, o carvão fica nas plantas que eles comem* [...] (Depoimento, morador do bairro Bagamoyo, trabalho de campo, Moatize, agosto de 2018).

**Foto 7: bairro Bagamoyo, no momento de uma explosão na mina de Moatize**



**Fonte:** imagem retirada da internet, jornal Deutsche Wille, 2018.

Em Bagamoyo, fui chamado para uma caminhada de alguns quilômetros ao redor da mina da Vale Moçambique para ter uma impressão de sua dimensão (33.324 hectares, época da pesquisa empírica). Meus acompanhantes levavam uma catana e um saco para apanhar cascas de uma árvore medicinal, em determinado momento uma viatura da segurança privada da Vale Moçambique passou a nos seguir e observar, com receio de algo, perguntei: "*Eles podem vir aqui e fazer alguma coisa? E se eles chamaram a polícia*? " A pessoa que me acompanhava respondeu: "*Eles não podem fazer nada, aqui a terra ainda é nossa, se perguntarem por que estamos aqui respondemos: porque nos tiraram dali"*. (Depoimento, Bairro Bagamoyo, trabalho de campo, 2018).

A percepção dos impactos da Vale Moçambique aumenta ao caminhar por um dos pontos mais altos de Bagamoyo, a extensão da mina e a movimentação das máquinas impressionam, em meio a todo esse poderio técnico, famílias procuram formas de sobrevivência, o território do carvão é marcado pelo contraste entre o poder e a impotência das famílias na proximidade ao megaprojeto neoextrativista, quando encontramos crianças que respiram, desde o dia em que nasceram, o pó de carvão levantado da mina, a razão e a emoção se misturam, em momentos, sobressai a emoção: [...] *veja os miúdos aqui... eles nasceram no meio da mineração... aqui os dias são cinzas... a vida vai mal, muito mal aqui*". (Depoimento, morador do bairro Bagamoyo, trabalho de campo, Moatize, agosto de 2018).

No quarto dia em Tete, após reuniões com os membros da AAAJC, consegui ir aos reassentamentos[4]. Aluguei uma caminhonete e fomos acompanhados de um motorista para nos encontrarmos com o contato que seria o interlocutor com os reassentados caso esses não quisessem falar em Português – uma estratégia utilizada pelos reassentados quando esses não sentem à vontade com quem os entrevista – e fui alertado que, ao chegarmos lá, eu deveria me apresentar e falar sobre quem sou e o que estava fazendo.

No reassentamento 25 de setembro o objetivo foi realizar entrevistas. Assim se deu o grande desafio, me posicionar e estabelecer uma forma de interação com os camponeses desterritorializadas, estabelecer vínculos e lealdade, me posicionar como pessoa e pesquisador e obter relatos no interior de seus territórios de contestação no meio de tanta carga e desânimo que suas experiências como resistentes traziam.

Me apresentei em meio a uma roda de poucas famílias, incluindo algumas crianças, e procurei falar com naturalidade. Depois de alguns minutos, com a ajuda do interlocutor, as poucas palavras que eram pronunciadas entre eles nos dialetos Nhúngue ou Xona, começaram a soar em Português. Assim, fui convidado por dois senhores, lideranças no reassentamento 25 de setembro, a ir até a casa de um deles para conversarmos. Ao iniciarmos a conversa, um deles se apresentou e explicou os motivos da desconfiança:

[4] Por limitações, apresento aqui apenas informações sobre o reassentamento 25 de setembro, existe também o reassentamento Cateme, onde também estive.

> Senhor, nos desculpe pela forma como o recebemos... mas nós já sofremos muito... fomos perseguidos e presos por pessoas que pensávamos que estavam a vir nos ajudar, por isso já não sabemos a quem confiar... não sabemos quem vem por bem ou mal, mesmo o Senhor estando com nossos amigos, precisamos tomar cuidado com as torturas e mortes quando se fala mal da Vale (Depoimento de reassentado, reassentamento 25 de setembro, trabalho de campo, 2018).

Com isso percebi por que alguns eram reservados e limitados no contato, outros eram extrovertidos e, já com os dessabores da vida abriam seus corações, partilhavam suas vidas de experiências, alegrias, dor e desesperos desde que a multinacional se territorializou em Moatize (Foto 8).

**Foto 8: entrevista no reassentamento 25 de setembro, Moatize - Moçambique**



**Fonte:** Moçambique, 2018.
**Foto:** membro da AAAJC.

Apesar deste ser um embate supostamente dividido entre a Vale S.A. e distintos segmentos sociais afetados por ela, o embate se tornou meu também, pois as metamorfoses da conflitualidade, seus sujeitos, a multiplicidade de manifestações e seus desdobramentos, constituíram parte inseparável de meu objeto de estudo maior, os camponeses na minha frente representavam a experiência viva, aqueles que enfrentaram a gigante mineradora. Iniciando

a conversa perguntei sobre as condições básicas de vida dos reassentados e fui informado:

> Os dias estão cinzas, estamos mal, estamos a sofrer muito aqui... desde que começou a exploração mineira da Vale, até vir aqui nessa mina, nenhuma coisa que se fez foi boa para nós. Nenhum indivíduo que vive aqui tem condições de dizer que a Vale está a cooperar... desde 8 anos que estamos a esperar por algo Senhor... isso não é vida (Depoimento, reassentado, reassentamento 25 de setembro, Moatize).

Então perguntei ao mesmo: "*8 anos... então muitas pessoas já nasceram... e... morreram aqui?*

> Sim... já nasceram muitos miúdos, esses aí mesmo nasceram aqui... algumas no posto de saúde e outras em casa mesmo, com a ajuda das parideiras, porque no começo o centro de saúde ia bem, agora está mal, muito mal, tem uma enfermeira que trabalha das 08:00 as 16:00... e o senhor repara que não estão a brincar? Percebe o por que? Eles não têm força... sim... é isso... porque não temos o que dar de comer a eles. A pouca farinha que temos fazemos uma chima e todos comemos juntos. Eu tenho que vender tijolos em Moatize pra conseguir algum dinheiro pra comprar um frango de vez em quando, amendoim e mais alguma coisa, sabe como faço? O Senhor viu aquelas pilhas de tijolos na beira da estrada lá embaixo? Passando a ponte? Cada pilha daquelas tem um dono, são todas de moradores daqui, mas como nós vamos levar para vender? Não conseguimos transportar nem para o outro lado da ponte. As vezes vêm alguém pra comprar e aí temos que reduzir o preço pois eles é que estão a transportar... Estás a perceber Senhor? São essas nossas condições de vida. Não temos mais força pra lutar... olha em volta e veja o que temos aqui, estamos a mais de 15 quilômetros da cidade e não temos dinheiro nem pra condução... como vamos conseguir dinheiro? Tiraram nossa machamba... não tem nem como ir ao rio pescar... sabe o que eu faço aqui todos os dias? Acordo, sento, e espero morrer... (Depoimentos, reassentado, reassentamento 25 de setembro, Moatize, trabalho de campo, agosto de 2018).

Essa é a genealogia da acumulação por espoliação e da conflitualidade em Moatize. Foi nesse ambiente de incertezas, de circunstâncias e de estabelecimento de confiança e desconfiança, que ocorreu a pesquisa empírica em Moatize, os dois importantes conceitos citados no início desse parágrafo, em instantes, se tornaram materialidade; portanto, nesta pesquisa, mais do que nos preocuparmos com a elaboração de perguntas, nos atentamos a observar e escutar para descrever, a partir da materialidade por eles vivenciada, o que está acontecendo, assim, me despedi e preparei para a próxima etapa, cruzar o Malawi, para produzir informações sobre os impactos socioterritoriais além do território do carvão, o neoextrativismo é uma atividade que possui impactos em distintas escalas, desde a local, regional, até mesmo global.

## ZÓBUE, FRONTEIRA COM MALAWI

Fui acompanhado por membros da AAAJC até Zóbue, distrtito que faz divisa com o país Malawi, minha intenção era seguir de comboio até Chiponde, a outra fronteira, assim seguiria o trecho da linha férrea restaurado pela Vale S.A. no país vizinho aumentando sua rede logística e facilitando o escoamento da produção de carvão mineral em Moatize, porém, eu não havia conseguido informações sobre dias, horários, ou ao menos se o comboio transportava passageiros, eu só sabia que havia diminuído muito o transporte pela intensificação da movimentação carvoeira.

Somente quando cruzo a fronteira é que descubro que o trecho da linha férrea saindo de Mwanza (Malawi) para Nampula (Moçambique) não transporta passageiros, sendo assim, a intenção era chegar até Blantyre e, de lá tentar seguir o comboio pela linha férrea do Projeto Corredor de Nacala (PCN), utilizada para escoar a produção de carvão mineral de Moatize. Pela dificuldade com as informações, somente no posto aduaneiro soube que os comboios também não partem com passageiros de Blantyre, então tive que encontrar outra forma de transporte para cruzar o território malawiano e voltar a Moçambique em direção a Chiponde.

No posto aduaneiro já senti as dificuldades, Malawi também figura entre os países mais pobres do mundo e as pessoas fazem de tudo para conseguir algum dinheiro, o que torna o ambiente tenso para um pesquisador em viagem, pois todos se aproximam oferecendo objetos como celulares, máquinas fotográficas, frutas e até garotas. A aproximação, as vezes, se torna intensa, e é necessário um certo estado de atenção e até mesmo rigidez nas respostas.

Para fazer uma rápida comparação, 1 Real, em Moçambique valia aproximadamente 17 Meticais (moeda local, a taxa de câmbio da época do trabalho de campo), no Malawi, 1 Metical valia aproximadamente 11 Kwachas (moeda local, a taxa de câmbio da época do trabalho de campo), nessas condições, me sentia como um alvo potencial para roubo ou sequestro.

Fui informado que não existiam ônibus ali, teria que ir até a cidade mais próxima

– Mwanza – e pedir informações lá. Ao sair caminhando, procurando alguma forma de transporte, fui abordado várias vezes por soldados que se aproximavam e pediam minha documentação: "*Stop, passport, passport...!!*", era o que eu ouvia de cada militar que se aproximava, mesmo já tendo passado pelo posto aduaneiro, eu havia tirado visto de trânsito pelo Malawi ainda em Maputo, mas mesmo assim, pediam explicações. A comunicação foi difícil em alguns momentos, o idioma local – Chewa – se misturava ao inglês.

Em determinado momento um militar de patente me abordou, pediu o passaporte e pediu para me identificar: "*Sou geógrafo, pesquisador, e estou realizando uma pesquisa sobre o desenvolvimento rural no Norte de Moçambique. Estou indo de Zobue até a outra fronteira, apenas de passagem, preciso de transporte até lá. O Senhor pode me ajudar*? " (Depoimento próprio, Malawi, agosto de 2018).

Eu possuía em minha bolsa um pequeno mapa, feito anteriormente com o Google Maps demonstrando o caminho, o que ajudou na comunicação, ele pediu para olhar e, como oficial do exército, entendeu o mapa, meu destino e disse: "*É um bom mapa, o Senhor deve ser um bom professor, estou vendo aqui os grandes lagos, as reservas...*" (Militar do Exército malawiano, Malawi, agosto de 2018). Nesse momento me falou que existiam ali alguns carros que faziam o transporte de passageiros como táxi. Me acompanhou, paramos, ele se afastou e conversou com dois malawianos, me chamou e disse que eles me levariam até a fronteira por 30.000,00 Kwachas, algo em torno de R$150,00 e, o oficial, pela informação e ajuda prestada me pediu 5.000,00 Kwachas, sem outra opção e com pressa em sair dali, aceitei a proposta.

Ele me acompanhou até o carro e entrou comigo e outros dois malawianos que iam a frente. Fiquei com muito medo e estranhei a situação, eles pararam o carro em um posto de combustível, o oficial pegou o dinheiro e pediu o número do meu telefone, disse que ligaria para acompanhar a viagem e que eu podia confiar nos dois que estavam comigo. A essa altura, eu não tinha como voltar, fui obrigado a acreditar e continuei no carro com os dois malawianos e começamos a viagem por volta das 08:00 horas.

Com o celular o tempo todo ligado acompanhando pelo mapa o trajeto ia perguntando de onde eles eram, o que faziam, como eram as condições de vida no Malawi e

eles também perguntavam sobre o Brasil, fui perguntando qual o caminho íamos seguir e observava o mapa, estava com receio de algo errado, mas seguia conversando, elogiando a paisagem e buscando formas de interação, assim, fui acompanhando a direção e conversando com eles, desse modo fui me tranquilizando (Fotos 9 e 10).

**Foto 9: cruzando o Malawi**



**Fonte:** Malawi, 2018.
**Foto:** Guilherme Magon Whitacker.

**Foto 10: paisagem no Malawi**



**Fonte:** Malawi, 2018.
**Foto:** Guilherme Magon Whitacker.

Após cerca de duas horas de viagem o oficial realmente me ligou, perguntou se estava tudo bem e se eu sabia aonde estava, confirmei as duas respostas: "[...] *sim, está tudo bem, estamos próximos de Balaka* [...]", me senti bem com a ligação, um certo ar de confiança

de que tudo ia dar certo. Porém, depois de algum tempo, ocorreu um dos momentos mais tensos da viagem. Um bloqueio do exército na estrada nos mandou parar. Eram uns quinze soldados, dois veículos de transporte, rolos de arame farpado e uma caminhonete armada com uma metralhadora ponto 50 faziam o bloqueio da estrada. Quando o motorista parou o carro, um soldado armou a metralhadora ponto 50 e apontou em minha direção, pude ver que eu era o alvo, estávamos a cerca de 5 metros do bloqueio. Três soldados armados com fuzil automático se aproximaram do carro, um foi em direção ao motorista e o outro ficou ao meu lado. Eles começaram a conversar em inglês e mudaram para o dialeto, o soldado pediu documentos dos dois e do veículo, percebi que o motorista me olhava e fazia gestos com as mãos ao soldado, este se dirigiu a mim, em inglês, pediu meus documentos e informações sobre o que estava fazendo. Enquanto verificava minha documentação insistentemente, perguntei ao soldado se tinha algum problema, ele disse que não, mas queria um drink.

Percebi que se tratava de extorsão, cansado de passar por essa situação, fingi que não estava entendendo: "*Senhor, me desculpe, meu inglês não é muito bom, não tenho drink, só água. O Senhor aceita? Caso tenha algum problema, posso ligar agora para a embaixada do Brasil aqui no Malawi e resolvemos isso, eles sabem que estou aqui*". (Depoimento próprio, Malawi, agosto de 2018). Mostrei o celular já chamando a embaixada, o soldado se afastou e começou a falar novamente no dialeto com o motorista até que outro militar, aparentemente superior, interferiu, pediu meus documentos, verificou, e nos liberou.

Quando saímos os dois malawianos que me acompanhavam ficaram nervosos, começaram a falar alto em dialeto dentro do carro, pedi que falassem em inglês comigo e o motorista me disse: "*O Senhor não devia ter feito isso, se não fosse a ligação para a embaixada, eles podiam nos tirar do carro e nos matar, íamos ficar no meio do mato, os leões podiam nos comer e ninguém ia saber o que tinha acontecido*". (Fala espontânea, motorista malawiano, Mali, agosto de 2018).

Realmente foi uma atitude precipitada, principalmente por ser um sábado, acredito que ninguém na embaixada iria atender o telefone, mas estava cansado de ter que dar dinheiro a todos pensei rápido e foi a única maneira que encontrei, ou talvez devesse ter dado o dinheiro, mas com isso corria o risco de ser levado a alguma cidade e ir ao banco, de

certa maneira irresponsável, foi o que fiz. Depois pensei e relacionei esse fato ao oficial que me extorquiu dinheiro na fronteira, fiquei em dúvida se eles não conversaram por telefone e o primeiro disse que eu viajava com dinheiro. Seguimos a viagem sem mais conversas e fui pensando no que poderia ter acontecido e o porquê daquilo ter acontecido. A primeira impressão foi de que o oficial malawiano informou alguém que eu viajava por ali com dinheiro; a segunda, foi a possiblidade do exército ter realizado a barreira tendo em vistas a fuga de grupos extremistas de Moçambique para o interior do Malawi e tentaram se aproveitar da minha presença, eu estava em sentido inverso da fuga dos grupos armados, de Oeste para Leste, ou seja, não estava vindo de Moçambique, mas sim indo para lá, até hoje não posso afirmar.

Foram aproximadamente quatro horas de viagem, cheguei na fronteira com Moçambique – Chiponde – as 13:00 horas, ali, novamente a tensão se instaurou. Quanto mais ao Norte do país piores são as condições econômicas, o que o torna o território, ao menos foi a impressão que tive, tenso, pois todos estão à procura de algo para sobreviverem. Pensei em como poderia sair dali o mais rápido possível.

As pessoas se aproximavam falando em inglês e oferecendo de tudo. Cansado e nervoso, falei alto com as pessoas que não queria nada, que se afastassem e me deixassem em paz. Entrei no posto da fronteira, apresentei meus documentos e informei para aonde estava indo, ao pedir informações sobre transporte o militar me disse que ali não tinha machimbombo, algumas pessoas levavam as outras de moto ou de carro até Mandimba (cidade mais próxima) e lá eu deveria buscar informações para o trajeto até Cuamba, após fazer o registro em um grande livro de assinaturas, me liberou. Saí do posto fiscal, do lado moçambicano, chamei um rapaz de moto, negociamos o valor e fui até Mandimba por um caminho que não pode ser chamado de estrada.

## DE CHIPONDE A NACALA-A-VELA

Por volta das 15:00, em Mandimba, descobri que também não havia

machimbombo. Tive que esperar todo o final da tarde por um chapa[5]. Nesse percurso de tempo, inúmeros problemas ocorreram e eu me tornava centro de olhares de algumas pessoas que consumiam bebidas alcoólicas nas tendas ao redor do ponto. Tinha algumas frutas a venda, carne de frango e outas coisas para comer, eu estava faminto, sem banho, cansado, porém, com receio de tirar dinheiro de dentro da bolsa e ser abordado de alguma forma, tive que me contentar com a última porção de barra de cereal que eu levava.

Ali, mais um fato me marcou. Quando o chapa se aproximou descobrimos que, devido ao aumento de combustível no mesmo dia, o valor cobrado pelo transporte de Mandimba a Cuamba, que era de 250,00 Meticais, subiu para 300,00, e, o motorista, me olhando disse: "[...] *e o branco paga 400,00. Se não for assim, ninguém viaja*". Isso causou uma revolta geral e eu passei a questionar o motorista sobre a atitude dele, o que acirrou os ânimos entre todos que estavam ali. Uma senhora, funcionária da administração local se posicionou ao meu lado e a polícia foi chamada, mas devido a corrupção do grupo de motoristas que negociava a liberação do chapa e repassava valores para os policiais, nada resolveu.

Eu chamei outros dois passageiros para conversar e resolvi dar parte do dinheiro a mais que o motorista pediu, as pessoas não tinham o valor a mais cobrado, e eu, com medo da situação piorar e ter que passar a noite em Mandimba a espera de outra forma de transporte, tomei a decisão de pagar por todos aqueles que não podiam. Assim segui viagem, agora em direção a Cuamba, com a esperança de conseguir pegar o comboio e seguir pela linha do PCN até Nacala-a-velha.

Seguindo viagem, cheguei em Cuamba por volta das 22:00 horas, durante o trajeto uma pessoa me indicou um hotel para ficar. Quando cheguei, ele me levou até o hotel, na verdade era uma pousada. Ali fui informado que não teria comboio saindo da Cuamba naquele dia, teria que ficar por três dias. Cansado e tenso, com receio de sofrer novas formas de extorsão ou qualquer outro problema, resolvi partir naquela mesma madrugada, sem condições de banho ou alimentação, somente com água, dormi um pouco.

[5] Chapa é um transporte comum, feito em uma Van, onde a lotação é levada ao extremo e o transporte de cargas é permitido.

Levantei as 04:00 da manhã e fui até o local aonde me indicaram, novamente, a confusão tomou conta do lugar. Devido as alterações no transporte de passageiros pelos trens, que passou a valorizar o transporte de carvão em detrimento das pessoas, a quantidade de pessoas querendo embarcar nos chapas é enorme, com isso, os donos dos carros aproveitam, exploram os preços, viajam superlotados e os carros, em sua maioria, não apresentam nenhum tipo de segurança, por volta das 08:00, saímos de Cuamba. A melhor dica que recebi foi: "[...] *tente entrar rápido e sente sempre atrás.*" (Depoimento, viajante, trabalho de campo, Cuamba, agosto de 2018), logo entendi o porque, em caso de acidente, geralmente, os que estão na parte de trás do carro sofrem menor impacto, assim, novamente, viajei de chapa.

**Foto 11: ponto de chapa em Cuamba**



**Fonte:** Moçambique, 2018.
**Foto:** Guilherme Magon Whitacker.

Cheguei em Nampula por volta das 15:00 h do mesmo dia, após percorrer um trecho de pouco mais de 300 Km, em estradas de terra, com péssimas condições de rodagem, sem banho a dias, e com a reserva de barra de cereais e água no fim. Em Nampula, exausto, consegui ir até o bairro de Natikiri, um dos bairros impactados pela passagem dos trilhos da Vale S.A. Nesse território foram articuladas as etapas logísticas do megaprojeto de Moatize tendo em vistas escoar o carvão para os mercados internacionais. Além da desterritorialização

camponesa em Moatize, o megaprojeto neoextrativista, em sua conexão logística na forma do PCN, provocou alterações nos usos dos territórios nos distritos de Mecanhelas e Cuamba, na província de Niassa; e, na província de Nampula, os distritos de Malema, Ribaue, Mecuburi, Nampula, Meconta, Monapo, Mossuril e Nacala-a-Velha, além das vilas de Monapo e Ribaue e da própria cidade de Nampula. Para a realização das obras necessárias, assim como para o funcionamento do complexo logístico, foi necessária a desterritorialização de uma faixa de segurança ao redor da linha férrea e também para a instalação de canteiros de obra e estruturas de apoio.

Peguei uma chopela e fui para o bairro Natikiri, conversando com alguns moradores, fui informado da ocorrência de vários acidentes. Desde choques provocados entre carros e o comboio, até crianças que entraram em vagões e não conseguiram sair quando os mesmos se deslocavam, sendo encontrados em Nacala-a-Velha. Ouve relatos sobre pessoas que morreram soterradas por carvão tentando ir até Nacala-a-Velha escondida no vagão, porém, não encontramos informações que comprovem a veracidade desse fato. Uma coisa ficou clara, as pessoas tiveram suas vidas significativamente afetadas, seja pelo recorte territorial provocado pela passagem da linha férrea, seja pela diminuição no transporte de pessoas de uma cidade a outra. A linha férrea dividiu o bairro e a cidade, com isso, as relações socioterritoriais que ali se mantinham foram alteradas.

Não fiquei muito tempo no bairro, me dirigi rapidamente a rodovia e procurei por um táxi para ir, finalmente, a Nacala-A-Velha, nosso ponto final do trabalho de campo, para conhecermos as instalações do porto de exportação de carvão da Vale Moçambique, peça da intrincada rede de logística que caracteriza o megaprojeto neoextrativista da Vale Moçambique, e produzir informações sobre os processos de desterritorialização.

## EM NACALA-A-VELHA

Percorri de carro o trajeto de Nampula até Nacala-a-Velha, dessa vez, sem infortúnios, a rodovia era bem pavimentada. Devido a instalação do porto, a movimentação de mercadorias cria um fluxo econômico que movimenta a região, as belas praias alimentam

também o potencial turístico da cidade que recebe estrangeiros de várias partes do mundo.

Fui ao hotel que havia conseguido reservar durante a viagem até Nampula e, após fazer o *check in*, pude tomar banho e jantar. Aproveitando o final de tarde sob o horário de verão moçambicano, fui a uma tenda na esquina do hotel para me familiarizar com os locais e pedir informações. No momento em que estava tomando uma cerveja, conversando com dois moradores de Nacala, um grupo de crianças se aproximou vendendo algumas balas e ficaram me olhando. Perguntei o nome deles, eles riram, mas não responderam. Perguntei ao rapaz que estava conversando comigo qual era o problema e ele me disse: "*Eles não falam português, nunca foram a escola, estão o dia todo na rua a vender doces pra ajudar em casa*". (Depoimento espontâneo, morador de Nacala, Nacala-a-Velha, trabalho de campo, agosto de 2018). Mesmo Nacala-a-Velha sendo um local de fluxos econômicos, ficou nítida que a diferenciação de classes sociais, e todos seus impactos, ocorre por todo o país.

No dia seguinte, a partir do contato anterior, um rapaz me esperava no hotel para me levar para conhecer o porto. Por ser um porto privado, não pude entrar para conhecer as instalações, mas, mesmo a distância, a magnitude impressiona e faz jus ao contexto do megaprojeto.

**Foto 12: porto da Vale S.A. em Nacala-a-velha**



**Fonte:** Extraída da internet – Vale S.A.

A componente portuária é o ultimo fixo territorial do megaprojeto neoextrativista

da Vale Moçambique, sua estrutura e localização estratégica permite que a Vale Moçambique embarque, em média, 2.400.000 toneladas de carvão mineral por ano e um terminal de 25 contentores com capacidade de manuseamento de 45.000 TEUs. É o porto de águas mais profundas de Moçambique e, apesar de ser menor (em área) do que os portos de Maputo e Beira, permite uma melhor movimentação de cargueiros, além de ser o mais próximo aos maiores compradores do carvão mineral de Moatize, China e índia.

Localizado na província de Nampula, distrito de Nacala na zona norte de Moçambique, a sul da Baía do Bengo, possui 60m de profundidade e 800m de largura à entrada, apresenta condições excepcionais de navegabilidade, permitindo o movimento de navios 24h por dia sem restrições de calado ou tamanho (exceto ao longo do cais). É o único porto de águas profundas de Moçambique e o maior em toda a costa oriental de África. As operações funcionam 24h por dia, 7 dias por semana, encerrando apenas no dia 1 de janeiro. Possui um terminal de carga geral com quatro cais, oito armazéns numa área coberta de 21.000m2 e descoberta de 800.000 m2, um terminal de granéis líquidos ligado a um depósito de combustíveis através de um pipeline com 3.5 km e dois depósitos de óleos vegetais.

Com toda essa magnitude, demonstrada em todas as fases do megaprojeto neoextrativista da Vale Moçambique, em Nacala-a-velha, a multinacional não agiu de maneira diferente. Para exportar o carvão, dezenas de famílias também foram expulsas e reassentadas por conta dos projetos da implantação do terminal portuário. Nesse processo, as famílias perderam suas terras e, com elas, suas machambas. Algumas foram reassentadas porque viram suas casas destruídas. Aquelas que tinham machambas foram indenizadas devido a perca de suas culturas. Na região de Nacala, o processo de desterritorialização forçada das famílias desenvolveu-se entre 2014 e 2015. Em Nacala-a-Velha, por conta da construção da malha viária da seção 8, da nova ferrovia e do novo terminal portuário, a Vale Moçambique reassentou 55 famílias de quatro comunidades: Mucaia, Muriaco, Naxiropa e Muanona situadas em no Nacala-a-Velha.

Ainda em Maputo busquei informações junto a membros da sociedade civil organizada sobre os impactos negativos do porto de Nacala. Assim, em Nacala-a-Velha, o conflito pela posse, uso e aproveitamento da terra se estende também pelo uso e

aproveitamento dos recursos hídricos do distrito, dado que com a implantação do porto para a exportação do carvão mineral, dezenas de pescadores artesanais que tinham na pesca sua principal fonte de rendimento e sobrevivência, foram compulsivamente expulsos das suas tradicionais áreas de pesca em favor da implantação do referido terminal portuário

> Antes da Vale começar o reassentamento, as famílias deslocadas para as comunidades de Mucaia viviam próximo a Barragem de Massingirine... eram pescadores e plantavam algumas coisas para comer... isso está... não sei, 40 km do novo território que lhes foi concedido pela Vale. Isso é um absurdo! A principal atividade deles era a agricultura de autoconsumo e a pesca artesanal. Com seu deslocamento, essas atividades ficaram comprometidas... pois as famílias não podem mais exerce-las devido a longa distância que precisam caminhar para as antigas áreas de cultivo e de pesca. É o que a Vale fez aqui também... Estás a perceber? A Vale não distribuiu nenhuma machamba para os reassentados em Nacala-a-Velha... e lá não distribuiu energia elétrica também... por onde a Vale passa, Senhor Guilherme, ela deixa sua marca (Depoimento, membro da sociedade civil, trabalho de campo, Maputo, julho de 2018).

Quando fui visitar o porto, caminhando pelas ruas com o motorista que havia contratado para me levar, ele me indicou um local, do outro lado do porto (Foto 13), onde as pessoas costumavam se reunir para conversar, resolvi ir até lá e encontrei um Senhor que se prontificou a conversar comigo.

> Nós, desde muito tempo, tempo dos nossos avôs, dos nossos pais sempre pescamos ali onde é que o porto da Vale está. Agora... a Vale chegou e fomos tirados dali onde nós pescávamos... por causa dos barcos da Vale que vão estar a passar naquela zona. Assim já não temos maneira. Temos que andar muito para ir pescar em outros sítios. Não só é longe..., mas não tem peixe, mas aqui onde é que estávamos é que tinha muito peixe (Depoimento, antigo pescador, trabalho de campo, Nacala-a-velha, agosto de 2018).

**Foto 13: praia em Nacala-a-velha, ao fundo, o porto da Vale S.A.**



**Fonte:** Moçambique, 2018.
**Foto:** Guilherme Magon Whitacker.

Foram nestes termos, com semblante e rosto angustiado que um pescador desterritorializado, forçado a abandonar o seu território tradicional de trabalho e de vida, de onde conseguia pescado para alimentar sua família e, também, para a venda no mercado local, deixou transparecer sua frustação. A condição econômica e social das famílias se degrada cada vez mais nos reassentamentos, seja em Cateme, seja em Nachirope. As famílias perdem seus territórios e, com eles, todo um conjunto de outras percas: a dessacralização de lugares sagrados, da terra para produção, o acesso aos mercados e às infraestruturas sociais, as fontes de renda.

> Não temos o que fazer. Antigamente pelo menos conseguíamos peixe para comer e vender. Não existe nenhum relacionamento com a Vale. Não existe cursos de capacitação para formação da vida nova. Não existe apoio às crianças, mulheres e homens... seria melhor o futuro no reassentamento se as condições fossem melhores... Vivemos de qualquer maneira. Nossas mulheres saem dias antes para dar parto na Vila. A população tem certeza que o destino é incerto. Nós estamos a viver apenas. Não sabemos como... Perdemos nossas árvores de frutas e machambas. E não temos mais alternativas... Nós não temos nenhum benefício com os projetos da Vale (Depoimentos com reassentados da Vale Moçambique, trabalho de campo, Nacala- a-Velha, agosto de 2018).

Foram muitos dias ouvindo, vendo e presenciando os impactos socioterritoriais da Vale Moçambique. Do cenário até agora apresentado, pude constatar que o megaprojeto

neoextrativista da Vale Moçambique têm impactado negativamente, de forma material e imaterial, as famílias por onde passa.

As promessas de desenvolvimento se transformam ao longo dos 931 quilômetros que percorri de Moatize à Nacala-a-Velha, a pobreza extrema é uma presença no cotidiano, a fome, a desolação, o medo e o sentimento de terror, foram as maiores impressões que tive durante essa etapa de minha pesquisa empírica, onde, a razão e a emoção, por vezes, se confundiram. Cansado e também abatido pelas imagens, pelas crianças, homens e mulheres que encontrei e conversei desde que saí de Maputo, resolvi voltar ao hotel, descansar, e voltar para Maputo.

Hoje por conta dos megaprojetos de mineração que anunciam o desenvolvimento sustentável, centenas de chefes de famílias não têm emprego, não têm negócios, são apenas cidadãos ociosos que ficam sentados nas suas casas à espera da generosidade das empresas, que oferecem limitadas oportunidades de negócio através de pequenos projetos de geração de renda. Em Moçambique e no Malawi, para além do distrito de Moatize, na província de Tete, o megaprojeto da Vale Moçambique atravessa territórios e desterritorializa comunidades inteiras: Chikhwawa, Mwanza, Neno, Balaka e Machinga, situados na região sul daquele país; Mecanhelas e Cuamba, na província de Niassa e Meconta, Monapo, Mossuril, Ribáuè, Nacala- a-Velha, bem como o distrito da cidade de Nampula, todos na província de Nampula em Moçambique são os territórios da materialização da acumulação por espoliação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não apresento, aqui, uma conclusão, pois se trata de uma narrativa pessoal. O que ofereço, aqueles que se interessam pela Geografia, é que se dediquem a definições. A vida de um pesquisador é um estar constante mergulhado em incertezas, o medo, o desafio de buscar o novo, tudo isso passa pela definição de um objeto de estudo e seu recorte espacial. O estudo de um determinado ponto, ou lugar, de um centro urbano como São Paulo, por exemplo a conhecida cracolândia, pode oferecer riscos e dificuldades próximos aos que aqui relatei; os trâmites burocráticos, para aqueles que se dedicam a estudar uma Unidade de

Conservação, serve também como exemplo; são igualmente desafios, o mergulho interminável em leituras de teses para se produzir conhecimento na área do pensamento geográfico, reflete horas exaustivas. A definição de um objeto de estudo determina a pesquisa empírica.

De minha parte, a partir da definição do objeto de estudo, interpreto os fatos por meio da geopolítica dos recursos naturais, uma linha de pesquisa em construção no Brasil e que, em minhas pesquisas, permite o estudo dos fixos e fluxos territoriais nacionais e internacionais, possibilita entender a multiescalaridade de megaprojetos como o de Moatize e o poder que os mesmos representam sobre as elites políticas e econômicas daquele país.

Yves Lacoste, em 1976, escreveu que a geopolítica se preocupa com as relações de poder entre os diferentes atores que desempenham um determinado papel num espaço mais ou menos bem definido; Manuel Correia de Andrade, em 1988 geograficizou as formas de colonialismo e imperialismo e a fragmentação do espaço envolvendo interesses por recursos naturais; David Harvey, em 2005, propôs o estudo sobre o novo imperialismo e a acumulação por espoliação. Atualmente com base nesses autores, e outros, podemos escrever que às disputas de poder ou de influência sobre os territórios e sobre as populações que neles vivem exigem a compreensão das dinâmicas de conflito num determinado território e obriga à identificação das motivações estratégicas, políticas, económicas e naturais subjacentes a essas dinâmicas de conflito e, a geopolítica dos recursos naturais e aos pesquisadores que dela se aproximam, incumbe a árdua tarefa da realização de pesquisas empíricas para verificação dos fatos e processos.

O que quero dizer é, independente da área optada, os riscos ocorrem. Minha opção pela geopolítica como campo da Geografia preocupado em responder a questões concretas, no que se refere às relações entre espaço, território e poder, abrange diferentes escalas geográficas – do local ao global – e diferentes temáticas específicas – como energia, recursos naturais e logística – e, nesse sentido, o espaço geográfico tem que ser pensado enquanto produto das relações sociais e isso exige um estar imerso na concretização da pesquisa empírica.

A pesquisa empírica é parte da constante superação que envolve qualquer

pesquisador e não deve priorizar nem a análise dos chamados fatores naturais nem dos fatores humanos. Essa, deve se basear na totalidade do espaço, sem esquecer os arranjos específicos que tornam cada lugar, cidade, bairro ou região uma articulação particular de fatores físicos e humanos em um mundo fragmentado e, ao mesmo tempo, articulado. A pesquisa empírica em Geografia deve perseguir, portanto, a ideia de particularidade na totalidade, abandonando de modo enfático a perspectiva da singularidade de lugares, cidades, bairros ou regiões.

Enfim, a pesquisa empírica reflete a opção e definição de espaços de conceituação adequados aos fatos, dinâmicas e processos que se deseja estudar. É necessário recortar adequadamente os espaços de conceituação para que seja revelado e tornado visível o que se deseja pesquisar e analisar na realidade, é necessário também reafirmar a necessidade de superação das dicotomias e ambiguidades características da Geografia. Foi essa a pretensão ao organizar esse breve relato.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB´SABER, Aziz Nacib. **O que é ser geógrafo?** Rio de Janeiro: Record, 2007.

ADAS, Sérgio. **O campo do geógrafo: colonização e agricultura na obra de Orlando Valverde.** Tese. Universidade de São Paulo. FFLCH. Departamento de Geografia. 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04062007-152940/publico/TESE_SERGIO_ADAS_VOLUME_1.pdf. Acesso em 15/05/202.

ANDRADE, Manoel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste.** São Paulo: Brasiliense, 1973.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome. O dilema brasileiro: pão ou aço.** Rio de Janeiro: Antares Achia-mé; 1980.

LACOSTE, Yves. **An illustration of geographical warfare: bombing of the dikes on the Red River, North Vietnam.** USA: *Antipode, nº* 5, 1973. Disponível em: https://atrium2.lib.uoguelph.ca/xmlui/bitstream/handle/10214/1826/32-Lacoste.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 14/05/2020.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço.** 1. ed. São Paulo: Annablume, 2005. 252p.

MONBEIG, Pierre. **O Brasil.** São Paulo: Difel, 1985.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo.** São Paulo: Hucitec, POlis, 1984.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Pesquisa de campo em geografia.** Rio de Janeiro: Geographia, V. 4, nº 2. 2007. Disponível em: https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13423/0. Acesso em 15/05/2020.

WEIBEL, Leo. **Capítulos de geografia tropical e do Brasil.** Rio de Janeiro. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Conselho Nacional de Geografia: 1958.

WHITACKER, Guilherme Magon. **Geopolítica dos recursos naturais estratégicos e questão agrária em Moçambique: a Vale S.A. e o extrativismo epidêmico.** Caderno de Geografia. PUC Minas. Edição especial. V. 29, nº 2. 2019. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/20719. Acesso em: 15/05/2020.

Recebido em janeiro de 2021.

Revisão realizada em maio de 2021.

Aceito para publicação em junho de 2021.

.